



AS SETE FACES DE UMA ASSINATURA: UMA LEITURA PARA O SER GAUCHE NA VIDA

Carla Andreia Schneider¹

Maria Luceli Faria Batistote²

Resumo: Nesse estudo apresentamos uma leitura para o *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade, sob a perspectiva da Semiótica discursiva, com contribuições de Agamben (2019) sobre a Teoria das assinaturas. Os resultados mostram que a inscrição tímica de um corpo na enunciação, as marcas tímicas de outros corpos nos sentidos já cristalizados nos lexemas, nas figuras e nos temas e a força necessária para a inscrição de novos sentidos precisam ser consideradas no processo de significação em função dos efeitos de sentido que produzem. A essa inscrição denominamos *assinatura* e sua adesão social constitui-se como âncora, como efeito de significações utilizadas anteriormente que garantem previsibilidade e, conseqüentemente, legibilidade aos textos. Na busca pelo sentido, o sujeito da enunciação faz uso das *assinaturas* homologadas socialmente e redefine euforicamente o ser *gauche*, enquanto um estado de alma, muito mais que um estilo de vida, como uma das possíveis leituras de Drummond.

Palavras-chave: Subjetividade. Semiótica Discursiva. *Assinatura*.

THE SEVEN FACES OF ONE SIGNATURE: ONE READING TO BE GAUCHE ON LIFE

Abstract: In this study we show one reading for *Poema de sete faces*, written by Carlos Drummond de Andrade, under discursive semiotics approach with contributions of Theory of signatures by Agamben (2019). Results showed that the body thymic inscription on enunciation, the other bodies thymic inscriptions on lexeme meanings, on figures and on themes and the need efforts to inscriptions new meanings must be considered in the signification process as a function of the meaning effects that they produce. We call that inscription as signature and the social adhesion is established as an anchor, as an effect of significations used before that promote predictability and, as consequence, text reading. Looking for meaning, the enunciation subject uses social accept signature and redefines euphorically the gauche being, as a passion state, more than a lifestyle, according to reading we did.

Keywords: Subjectivity. Discursive semiotic. Signature.

¹ Doutoranda - PPGEL/FAALC/UFMS. ORCID: 0000-0002-2586-4898.

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa e docente do PPGEL/FAALC/UFMS. ORCID: 0000-0003-0023-1186.

Introdução

Este estudo encontra-se inserido nas reflexões teóricas e metodológicas que estamos realizando em nossa tese de doutoramento a respeito das relações entre a *assinatura*, conforme postulado por Agamben (2019), e a construção de sentido nas práticas e objetos semióticos, de acordo com a semiótica discursiva. Sob esse ponto de vista, relacionamos alguns efeitos das relações de sentido atravessadas pelas práticas linguísticas (*práxis* enunciativa) do sujeito da enunciação no *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade (2013[1930], p. 11-12):

POEMA DE SETE FACES

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.*

*As casas espiam os homens
Que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
Não houvesse tantos desejos.*

*O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu
coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.*

*O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.*

*Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.*

*Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.*

*Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
Botam a gente comovido como o diabo.*

Na dimensão sociocultural e da percepção (pela sensibilidade e inteligibilidade), a enunciação e a *práxis* enunciativa (práticas linguísticas) estão intrinsecamente relacionadas, pois, para que haja a apreensão dos enunciados em geral e interlocução, a previsibilidade e a comunicabilidade são necessárias. De acordo com Bertrand (2003, p. 405), a percepção e a respectiva correspondência às figuras existentes ocorrem a partir do “crivo cultural que lhe é aplicado”, uma vez que as “convenções coercitivas, mas provisórias, consistentes, mas precárias” tornam possível uma legibilidade figurativa (BERTRAND, 2003, p 405).

Contudo, a cada enunciação, há um confronto entre os sentidos experienciados e os outros sentidos, entre o léxico e os enunciados presentes na memória do sujeito da enunciação. Para conduzir o enunciatário na direção dos sentidos experienciados pelo enunciador, o sujeito da enunciação procura estabelecer uma isotopia³, ao longo da enunciação. O objetivo é explicitar e confirmar o sentido que procura expressar, ora reiterando ora escapando das assinaturas (sentidos cristalizados). Da mesma forma o enunciatário (co-enunciador) utiliza o mesmo processo para realizar sua leitura, ou seja, busca uma isotopia que lhe dê sentido nos enunciados. Ambos, portanto, são confrontados pelas *assinaturas* inscritas e imanentes na linguagem, pois essas assinaturas exercem certa “coerção” sobre os usuários do sistema (língua), mas servem, também, para possibilitar uma compreensão, uma leitura do enunciado.

Resumidamente, a *assinatura* refere-se ao processo no qual o sujeito da enunciação utiliza o arquivo (linguagem) para traduzir e inscrever a apreensão sensível e inteligível de uma experiência qualquer, pelas escolhas realizadas na e pela linguagem. Esse processo ocorre por meio da semelhança que se dá de forma muito rápida, um lampejo, entre o arquivo (linguagem) e a experiência vivida naquele exato momento em função da capacidade mimética (BENJAMIN, 1970) ao apreender (ler) o mundo sensível. A *assinatura* é o nexos significativo (semiótico) portador da semelhança, que efetua a correspondência entre a forma (conceito) e a substância (percepção sensível) no plano do conteúdo e a uma forma (paradigmática e sintagmática) e substância (verbal, visual, sonora, verbo-visual) no plano da expressão (manifestação).

Para realizarmos a análise do texto, o objeto semiótico é visto de forma gerativa, isto é, conforme seu modo de produção que parte “do mais simples ao mais complexo e

³ A isotopia semântica de um texto para o enunciatário refere-se à homogeneidade de sentido na superfície do texto que possibilita sanar ambiguidades. Contudo, a leitura pode ocorrer ao realizar correlações de sentidos com outros textos que se encontram dentro de um discurso mais amplo. Assim como, é possível realizar diferentes leituras, ainda que incompatíveis entre si, por conta do caráter polissêmico dos lexemas. (GREIMAS; COURTÉS, 2006, p. 276).

do mais abstrato ao mais concreto” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, P. 456). Esse processo de análise é apresentado sob um *percurso gerativo de sentido* que comporta três níveis. As estruturas discursivas encontram-se no nível mais superficial (terceiro nível), ou seja, onde são instauradas as relações entre a instância de enunciação, que é responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e o texto-enunciado. É a instância em que ocorre a ancoragem, isto é, vincula-se o discurso à pessoas, aos espaços e ao tempo (sintaxe discursiva). As oposições assumidas como valores narrativos no segundo nível são desenvolvidas sob a forma de temas e concretizam-se por meio de figuras (semântica discursiva).

No segundo nível, nas *estruturas narrativas*, ocorre a organização e o desenvolvimento semântico dos elementos lógicos que estruturam a narrativa. No primeiro nível das *estruturas fundamentais* determina-se o mínimo de sentido, a partir do qual o texto se constrói. Trata-se de uma seleção de oposição ou diferença entre dois termos dentro de um universo semântico.

A leitura que apresentamos aqui é uma de tantas outras que podem ser realizadas, como a de Ramos (1988), que utilizou as relações de semelhanças entre as figuras da poesia e os arcanos maiores das cartas do Tarot. Ainda é possível realizar a leitura utilizando a isotopia do cristianismo, com as oposições semânticas entre a santidade e a pecaminosidade, de acordo com associações realizadas nessa análise. Isso ocorre porque as relações de sentido que podem ser estabelecidas pela figurativização e tematização na leitura estabelecem-se pela associação de textos, significações ou discursos pelas suas semelhanças, diferenças ou correspondências em busca de dar sentido ao sentido (transcodificação da significação). Essas relações são da ordem da experiência, da memória cultural e da perspectiva do enunciatário, uma vez que não é apenas destinatário do enunciado, mas é co-enunciador, um sujeito produtor do discurso, pois a leitura também é um ato de linguagem, de significar.

As sete faces de uma *assinatura*

O lexema *gauche* presente no poema pertence à língua francesa e possui como um de seus sememas a acepção de “esquerdo”, conforme o dicionário *Le Robert micro poche* (2013), e apresenta as características (semas) no eixo da espacialidade articulada à dimensionalidade, à horizontalidade e à lateralidade. Para selecionarmos qual(is) dos sememas mais se aproxima(m) do(s) sentido(s) proposto(s) pelo enunciatário, faz-se necessário buscar a isotopia ou as isotopias presentes no poema. “Vai, Carlos! Ser

gauche na vida” foi prognosticado pelo interlocutor “anjo torto” que “vive na sombra”. Para a cultura judaico-cristã, anjo “torto” que “vive na sombra” vincula-se ao diabo, opositor de Deus, figuras que também se encontram no poema. Como podemos observar, nem sempre o texto reúne todas as condições para estabelecer a isotopia: o processo cognoscente anterior (memória cultural, ideologias ou visões de mundo) e o momento do acontecimento também podem ser convocados pelo texto para a realização do processo de significação. De qualquer forma, o processo cognoscente anterior entrará em confronto com os sentidos possíveis que podem ser apreendidos no texto como um todo de significação.

Ao levarmos em consideração os traços distintivos de lateralidade, dimensionalidade e espacialidade - “esquerda” - como traço distintivo no sentido figurado para o lexema “*gauche*”, o tema da obscuridade (ininteligibilidade / sensibilidade / passional) está figurativizado por “anjo torto” e “sombra” em oposição à clareza (inteligibilidade) que também se apresenta no poema. A primeira estrofe suscita as relações /torto x direito/, /sombra x luz / e / *gauche* x Carlos/, imprimindo um sentido de oposição, a face de um “eu-predito” a viver o lado obscuro, de difícil compreensão, um ser que foi dito de antemão a ser contrário ao que se estabelece à luz do conhecimento, dentro dos preceitos do direito (direito), da racionalidade (luz) e de uma identidade estabelecida socialmente (Carlos), que se volta para a esquerda, na contramão da normalidade (eu-prescrito).

Na segunda estrofe, as figuras “casas”, “homens”, “mulheres”, “tarde”, “desejos” tematizam o desejo do corpo que se realiza muitas vezes de forma clandestina (espiam⁴). “As casas espiam” significa que o ato de observar os “homens que correm atrás de mulheres” também é velado, são “as casas” que são testemunhas oculares dos desejos de correr atrás de mulheres em plena tarde; enquanto o verbo “correr” sugere a pressa tanto de não serem vistos como para encontrar com as mulheres. Assim como, “azul” e “casa” suscitam a questão da vigilância sobre os “desejos”: a cor azul se opõe à tarde que remete aos tons de laranja em razão do por do sol e também pelo calor que remete aos desejos; já “casa” remete ao lar, à família, e a certos padrões de comportamento legais e se opõe aos “desejos” por conta da vigília, da censura, do autocontrole emocional. A figura “azul” para qualificar a “tarde” representa o estado da contenção de desejos (eu-contido), da conformidade com o previsto socialmente. A face do “eu-

⁴ Espiar: “1 observar secretamente, com o intuito de obter informações; espionar 2 *t.d.int.* olhar às escondidas [espriavam (o palhaço) por um buraco na lona do circo] 3 *t.d.* esperar, aguardar (ocasião); espreitar” (HOUISS; VILLAR; 2009, p. 817).

desejoso” é desvelada em relação à isotopia formada por “casas”, “espiam” “homens” que “correm atrás de mulheres”, reitera os sentidos para os traços distintivos “esquerda”, “torto” e “obscuridade” de “*gauche*”.

Na terceira estrofe, as figuras “bonde”, “pernas”, “brancas”, “pretas”, amarelas”, “coração” e “olhos” remetem à transitoriedade e, por conseguinte, à efemeridade, assim como remetem para a diversidade, multiplicidade. Especificamente, a figura do “bonde” pode significar tanto o veículo elétrico que leva passageiros (pernas) de um lado para outro (movimento), como o enganar-se ou ser enganado, nas expressões “pegar o bonde errado” ou “comprar um bonde”. Bonde também pode ser associado à vida, existência: a vida passa cheia de escolhas e desejos diversificados, os quais podem ser questionados, acolhidos ou preteridos. O verbo “passar” reitera a característica de movimento e pode remeter tanto para a efemeridade (levar de um lugar para outro, passageiro), enquanto dúvida ou a incerteza (obscuridade), quando relacionado ao processo de “ir e vir” e “atravessar”; como pode remeter para o engano, quando relacionado às expressões “pegar o bonde errado”, ou, ainda, remeter para o “ser levado”, conduzido sem autonomia sobre as escolhas possíveis (pernas brancas, pretas, amarelas).

A figura das “pernas” pode significar os membros inferiores pelo emprego da metonímia, remetendo, ainda, aos desejos (pernas femininas de mulheres brancas, negras e orientais) e às possíveis escolhas que se apresentam diante do enunciador. Pernas também podem ser associadas ao sentido de passear, ou, também, trapacear (passar a perna em alguém). As cores “brancas, pretas, amarelas” podem remeter às pessoas brancas, negras e orientais, significando diversidade ou pluralidade, ou simplesmente, diversidade de escolhas. A figura do “coração” está associada aos sentimentos, à paixão, a qual pergunta “para que tanta perna meu Deus”, que deseja saber, conhecer as razões dos desejos, da efemeridade, que podem resultar em enganos. Considerando a isotopia para “escolhas”, podemos estabelecer uma oposição entre a dúvida e a certeza (clareza) em função de reações decididas, centradas, duradouras, predeterminadas. “Coração” indica, em oposição aos olhos, que não perguntam nada, um questionamento sobre a quantidade e diversidade de pessoas e sentimentos. Enquanto os olhos apenas veem e não questionam, não possuem dúvidas, não podem ser questionados, os quais podemos associar à clareza (eu-axiomático), à contenção, e, até, à dissimulação, ou, ainda, à superficialidade que nossos olhos são capazes de ver.

Na quarta estrofe a figura do “homem atrás dos óculos e do bigode” é descrito como “sério, simples e forte” e está relacionada à isotopia da certeza estabelecida no poema em oposição à isotopia da dúvida, apresentando uma aparência (*parecer x ser*) do padrão masculino do final do século XIX e início do século XX europeu: o uso dos óculos conecta-se à intelectualidade e o bigode à seriedade, classe social elevada, reservado, discreto, íntegro e sereno e testifica aquele que está por trás, no seu interior (eu-ontológico). O homem *gauche* possui uma imagem, um “eu-ôntico”, aquilo que todos veem, o senso comum, a aparência, o superficial, mas há um “ser” sério e confiável, convicto, que está por trás e além do fenomênico, do real.

Na quinta estrofe, o enunciador nega o homem forte, íntegro e honesto e afirma o homem fraco, obscuro, controverso, ambíguo e desesperado ao proferir “Meu Deus, por que me abandonaste”, repetindo as palavras de Jesus na cruz quando tomou sobre Ele nossos pecados. O *gauche* é abandonado por Deus, é a face do “eu-desvalido” no seu ceticismo ou por suas escolhas ao não se posicionar em concordância ou conformidade com os princípios morais, como o eu-ajustado. Uma vez mais afirma o ser *gauche*, obscuro, incrédulo e fraco, que não é seguidor de nada, pois “não é Deus”, não é um imitador de Cristo, como seus seguidores são, conforme Salmos 82:6: “vós sois deuses, e todos vós filhos do altíssimo” (BIBLIA DE ESTUDO NVI, 2003, p. 971).

Na sexta estrofe, o enunciador utiliza o recurso da hipérbole para enfatizar o quão o coração do enunciador é mais importante⁵ em relação ao espaço oferecido pelo mundo (“vasto⁶ mundo”). Porém, se considerarmos a etimologia do lexema “vasto” proveniente do latim *vāstus* (*a, um*), o sentido muda para “um vazio, despovoado, deserto, devastado; vasto” (HAUAISS; VILLAR; 2009, p. 1926). Neste caso, o “coração” do enunciador pode estar vazio, devastado pelo poder do “mundo”. Além disso, se tivesse por nome Raimundo, seria uma rima, estaria em harmonia com este mundo, estaria repetindo os mesmos “sons” deste mundo, o que “não seria uma solução”, e reitera a oposição vazio, gasto, consumido vs. cheio, pleno, conservado(r). Assim, para o enunciador, Raimundo não seria uma solução por preencher e ordenar seu coração com “rimas”, com reiterações similares as do mundo, mas que seu coração está desocupado para novas estesias, ou consumido por elas, um coração inconstante,

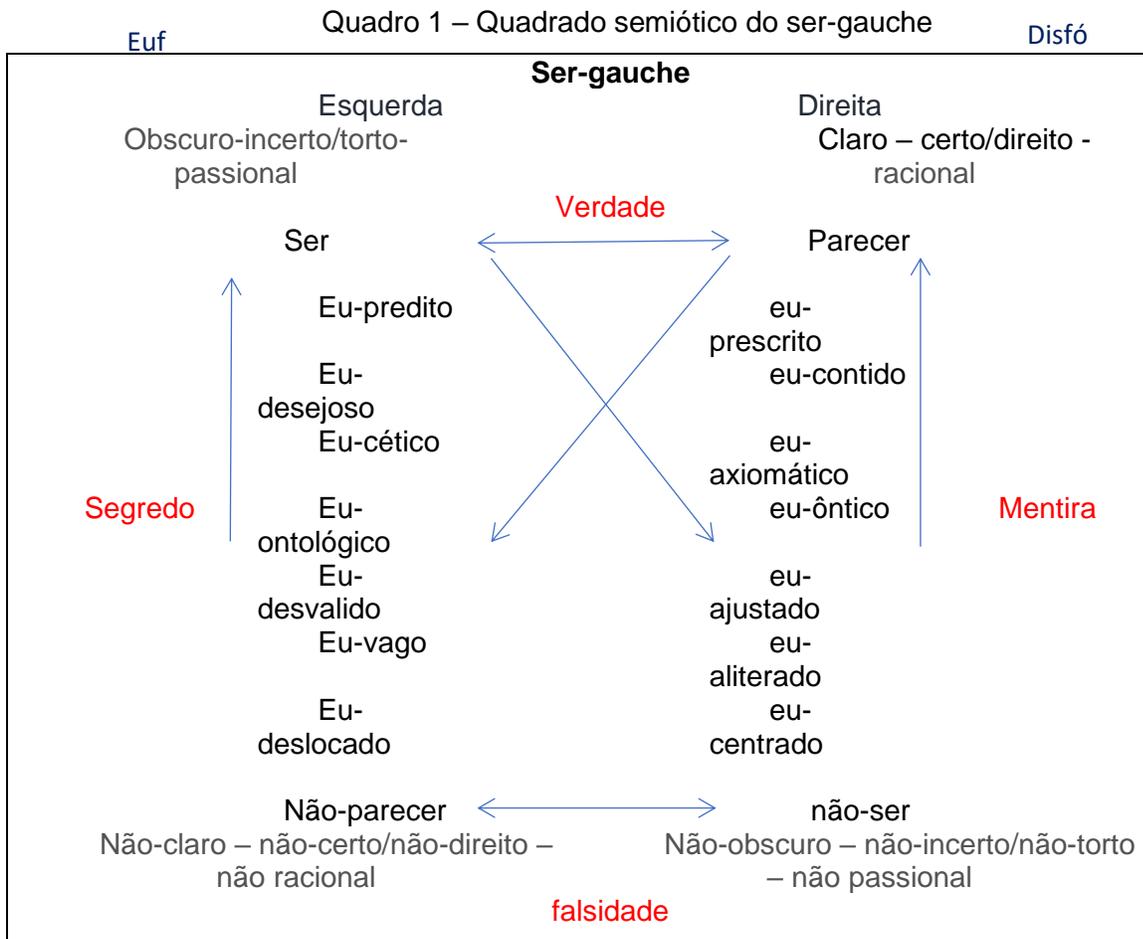
⁵ O lexema “vasto” possui enquanto lexema o sentido figurado de “que goza de importância, consideração ou relevância [desafiar a vasta nobreza] [admirou-nos com tão vasto argumentos] (HAUAISS; VILLAR; 2009, p. 1926).

⁶ Outro semema para “vasto” é de “que oferece grande espaço; amplo, espaçoso, ancho [dormiu na vasta poltrona] [dançar no vasto salão] (HAUAISS; VILLAR; 2009, p. 1926).

incerto, impreciso, obscuro, apresentando sua face do “eu-vago” em oposição ao “eu-aliterado”.

Na última estrofe, o enunciador reforça a desconstrução do sujeito “Carlos” que revelou sua vida interior, com uma conjunção adversativa “mas” e pelas figuras “lua” e “conhaque”, por estar demasiadamente comovido devido à ingestão de bebida alcoólica. Essas figuras trazem a oposição entre a obscuridade (lua) e a clareza (sol), entre a embriaguez (conhaque) e a sobriedade. Ao ser posto “comovido como o diabo”, o enunciador considera-se deslocado (eu-deslocado) “como o diabo”, isto é, que foi deslocado do céu (expulso do paraíso), movido de lugar (co-movido), assim como pode considerar-se excessivamente deslocado (à esquerda) em oposição a um “eu-centrado”, com equilíbrio emocional, sensato.

No quadrado semiótico, o ser-*gauche* que apreendemos está assim disposto (Quadro 1):



Fonte: elaboração própria (2023).

O enunciador surpreende o enunciatário por viver seus desejos, fazer suas escolhas, embora pareça angustiado, abandonado e fraco, condenado sob o aspecto da moralidade e da ética, assim como, aos olhos da sociedade que defende um padrão de comportamento. No final da suposta autobiografia, o enunciador rompe com a confissão de sua intimidade ao revelar ser um “eu-comovido”, isto é, com seus sentidos alterados (ou deslocados) pela lua e pelo conhaque. Assim, ser *gauche* é ser plural (“a gente”: gente como a gente), possuidor de sete faces, contraditório (é e não-é), e instaura o humor pela ironia. “Eu-*gauche*” possui sete faces: eu-predito (*gauche*), eu-desejoso (tantos desejos), eu-cético (pergunta), eu-ontológico (atrás do bigode e dos óculos), eu-desvalido (abandonaste, fraco), eu-vago (coração, vasto), eu-comovido (lua, conhaque, gente, comovido como o diabo).

Considerações em trânsito

Toda a abstração realizada nesse estudo demonstra que o processo de significação para o “ser *gauche*” depende da leitura do enunciatário enquanto co-enunciador. O sentido por nós apontado nesse estudo está imbricado na euforização da esquerda enquanto lugar do ser e parecer verdadeiro, não como segredo, ainda que em forma de simulacro, do sujeito da falta. Os dicionários de língua portuguesa trazem para o lexema *gauche* os sememas: acanhado, tímido, inepto, inseguro, sem determinação, torto, esquerdo. Na língua francesa (LE ROBERT, 2013), um dos sememas aponta na direção das “pessoas que professam ideias avançadas, progressivas”, mas também apresenta o semema *embarrasse* (dificuldade de movimento, perturbado, envergonhado, etc.) em oposição à *habile* (hábil). Em francês, os traços de restrição apontam de forma mais clara para o embaraço, para a dificuldade de movimento e a perturbação advinda dessa dificuldade.

Por meio da análise do poema, podemos inferir que o enunciador do poema intencionava professar ideias avançadas, progressivas, apresentando outra visão de mundo ao mostrar que não havia necessidade de aderir ao contrato social de um comportamento padrão estabelecido por uma instituição. O enunciador procurou, ainda, demonstrar que “ser” é algo complexo de corresponder a um padrão, ao passo que faz uma crítica ao “parecer” e “não-ser” (mentira) quando finaliza o poema criando o simulacro no qual o que foi dito anteriormente seja resultado da lua e do conhaque.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Signatura rerum**: sobre o método. Trad. de Andrea Santurbano e Patrícia Peterle. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema de sete faces. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 11-12.

BENJAMIN, Walter. A capacidade mimética. In: ADORNO, Theodor *et al.* **Humanismo e comunicação de massa**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru-SP: EDUSC, 2003.

BÍBLIA DE ESTUDO NVI. São Paulo: Editora Vida, 2003.

GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. 2. ed. Trad. de Alceu Dias Lima; Diana Luz Pessoa de Barros; Eduardo Peñuela Cañizal; Edward Lopes; Ignacio Assis da Silva; Maria José Castagnetti Sombra; Tiekko Yamaguchi Miyazaki. São Paulo: Contexto, 2016.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LE ROBERT MICRO POCHE. **Dictionnaire d'apprentissage du français**. Paris: Le Robert, 2013.